



Pela família — Pela religião — Pela pátria

Director:

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Publicações

Cada linha, 60 reis. Repetições, 30.

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) . . . 1\$000 reis

Com estampilha (anno) . 1\$200 »

Brazil e Colonias . . . 1\$500 »

Editor:

AMERICO PEIXOTO PINTO FERREIRA

Redacção e administração

Largo de S. Miguel — OVAR

Composto e impresso no Porto na Typ. Fonseca & Filho—72, Rua da Picaria, 74

## Ponha-se ponto na dictadura

**L**ESCREVIA, ao finalizar um artigo para o jornal republicano, do Porto, *A Patria*, José Sampaio Bruno estas palavras cheias de justiça e de logica: *Ponha-se ponto na ditadura!*

E' necessario que a logica em Portugal não seja uma batata e que os homens tenham na cara mais alguma cousa que as barbas em forma de pèra Joaquina invertida,—a vergonha e o fanatismo pelas suas ideias.

Hontem os republicanos prégavam em todos os cantos do paiz e nas horas da digestão das merendas democraticas as lóas encantadoras da liberdade e da democracia ideal, contra a mão de ferro dos dictadores e a neurasthenia impertigada dos presidentes de ministros.

Implantada, hoje, bem, mal ou pessimamente, a Republica em Portugal, sem attrictos nem reluctancias da parte de quasi a totalidade indolente e desesperada do paiz, vae-se na piugada da monarchia, arvoram-se os mesmos processos governativos, vomitam-se as leis anacronicas da dictadura constitucional e mudando o rótulo á taboleta po-

## Almanach illustrado d'Ovar

Vae ser posto á venda na segunda ou terça feira da proxima semana, em Ovar, em Lisboa e em todas as livrarias do Porto, o Almanach illustrado d'Ovar.

A REVISTA d'OVAR tem á sua disposição alguns centenaes de volumes do Almanach, magnificamente impressos, illustrados, para offerer como brinde aos assignantes novos que se resolvam a tomar uma assignatura da REVISTA d'OVAR, paga adeantadamente.

Um bello almanach, com 128 paginas, illustrado, capa a côres, de graça, a quem assignar a REVISTA d'OVAR!

Uma simples assignatura da REVISTA d'OVAR, semanario que vae começar a sair illustrado, ameno e variado para o futuro, dá direito a um bello livrinho.

Aproveitar, pois!

ALMANACH ILLUSTRADO d'OVAR — GRATIS

litica, continua tudo a girar nos mesmos eixos.

O salutar e patusquissimo ministro da Justiça, arvorado em Jupiter Tonante do Olympo governamental, falla aos deuses subalternos, nos conciliabulos da alta governamentação, põe-lhes o dedo no nariz, embasaca os Martes, os Mercurios, os Vulcanos, os Bachos e as Venus do celeste Empyrio da Republica, mergulha-os no somno hypnotico da incompetencia e fica só, de pé, radioso, de gesto largo e cabeça levantada no campo de batalha.



Encarna-se nas homoplatas grosseiras, espadaudas e pesadas do Marquês de Pombal do seculo 18 e quer fazer figura a caminho do seculo XX!

Cuidado com as bravatas. Um pygmeu não pode sustentar aos hombros a cota d'aço d'um hercules, quanto mais manejar-lhe o montante!

As consequencias desastradas que tal anacronismo acarreta sobre um país, onde a luz, a liberdade e a justiça começam a abrir brecha na consciencia nacional, são de mais para temer na epocha actual em que o povo, fundamentado nas liberalidades absurdas do poder, começa a erguer a crista em demanda d'um direito que lhe fôra concedido para o perverter e attrahir.

Legislar nervosa e vertiginosa e atabalhoadamente, não para consolidar uma patria nova, mas para exercer vinganças de seita e explorar a corrente popular, pode e deve ter os seus perigos, proximos ou remotos, segundo a paciencia dos desilludidos ou a fraquesa dos indolentes.

E no meio da charanga provisoria, um cornetim audaz, atrevido e desafinado se tem ouvido entre o som soturno e pesado dos restantes trombones da governamentação.

Póde, e oxalá que o facto se dê, póde muito bem acontecer que os trombones de acompanhamento, vão ensaiando, durante os sólos do cornetim, alguma lei proveitosa, util e duradoura que resista ao descalabro das Constituintes.

Os decretos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Justiça teem de ser remendados, podados, enxertados, cosidos, ponteados e cerzidos pelas Constituintes por vir.

Não somos nós quem assim pensa sómente. Muitos e conceituados e graduados republicanos como José Caldas e José Sampaio (Bruno) d'isso mesmo estão convencidos.

Effectivamente se ao menos fossemos governados por um despota, por um dictador audaz mas justiceiro e honesto, um despota d'aço, inquebrantavel nos principios, austero na pratica d'esses principios, um despota capaz de espesinhar o direito mas tambem capaz de erguer a honra da patria e o nome portuguez, então sim.

Mas sujeitarmo-nos á *cégarréga* d'um despotismo *gaté*, herculeo como o nepotismo feroz da actualidade, obedecermos a uma oliogarchia de mediocres audaciosos, embrulhados, como no tempo da monarchia, na capa da irresponsabilidade perante as exigencias do povo; deixarmo-nos dirigir por uma récuca de subservientes, incapazes de pôrem em pratica uma ideia de moralidade, isso jámais.

Expulsar os frades, confiscar bens alheios, legislar decretos enfastiosos sobre questões de *lana caprinae*, sobre cremação de cadaveres, inquilinato, etc., desprezando os altissimos problemas de feição internacional nesta hora de crise interna e desconfiança externa...

Sampaio Bruno, no jornal republicano do Porto, a *Patria* de 27 de novembro ultimo applica ao costado do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Affonso Costa, dignissimo dictador-mor d'estes Estados provisorios, o seguinte *rigolot*: «*O que fica para a Constituinte é desfazer bastante do que tem feito o Governo Provisorio; é corrigir e emendar o imperfeito; é ampliar o incompleto; é esclarecer o obscuro; é ordenar o confuso; é riscar e annullar o despropositado e absurdo, o perigoso, ameaçador e contraproducente.*» E um pouco mais abaixo grita assim aos ouvidos do Governo:

«*Basta de leis!*

*Ponha-se ponto na dictadura.*»

A verdade sae sempre pela bôca dos innocentes, embora elles sejam republicanos.

## *Chronica litteraria*

### I

#### «O Amor e a Natureza»

4 ACTOS EM VERSO

DIAS SIMÕES

E' um magnifico drama, urdido em 4 actos que se succedem, sem transições bruscas, como as quatro estações do anno. O protogonista principal d'este delicioso mimo poetico é o Amor, encarnado em Amelia e Raul na *Primavera*; nos camponezes e no passado de Monsenhor e D. Pedro, no *Estio*; no cahir das folhas que envenenam a existencia de Amelia, no *Outomno*; e na resurreição d'um passado ficticio que vem remecher e evocar a saudade nos corações con-



gelados dos tres velhos, no *Inverno*, á luz phosphorescente d'um desgraçado peregrino que andou por esse mundo além abafando saudades, desfibrando nos espinhos agros da sua soledade na terra o Amor sagrado d'um coração de esposo a quem a desgraça bateu á porta na epoca mais feliz da vida.

Amelia morreu tocada pelo sopro da doença; Raul morreu ou enlouquecera, não sabemos.

Não o diz o final do drama.

Mas enlouquecer ou morrer de amor, cáe bem com o panno do ultimo acto, ao finalizar um drama tão suavemente agitado como *O Amor e a Natureza*. Morrer de amor ou endoudecer de amor, é pagar na melhor moeda a compra d'um coração que nos comprehendeu na terra.

O malfadado poeta, o romantico vate da tristeza, que a tysica levou creança logo ao alvorecer d'uma intelligencia enorme, Antonio Nobre, no seu esplendido livro de versos, o *Só*, fallando do Amor diz:

O Amor é doença que tem por remedio  
Um beijo ou a Morte.

Para Raul o beijo não foi remedio do seu amor, foi o fructo d'elle; o remedio para o Amor de Raul, devla ser a Morte.

A these do livro de Dias Simões não é das mais aptas para eu poder livremente apreciar a nas diversas phases e characteristics que sugere logo á primeira vista. O fundo philosophico do livro pôde sugeitar-se a considerações que podiam levar longe estas ligeiras e despreziosas apreciações, não digo bem apreciações, estas referencias feitas ás quatro pancadas, e após a simples leitura do livro.

No entanto mesmo que fosse intenção minha alongar esta chronica, não o podiam supportar as paginas da *revistinha* nem os dotes e faculdades criticas do *magister* que se vê forçado a fallar d'aquillo de que tem competencia muito superficial.

Dias Simões é um poeta aprimorado, fidalgo nos sentimentos; tem o culto do coração e do bem. Como intelligencia é uma das mais amplas em Ovar e pena é que a tenha desmazellado tanto, dividindo a sua actividade mental por uma infinidade de assumptos e trabalhos... forçados.

Não é bacharel formado, mas não passa aos olhos do vulgo d'um simples empregado do governo.

E é pena que a penna do Dias trabalhe, escoregue e garatuge mais nos salões dos Paços do Concelho, que no aconchego morno e come-

sinho do seu *escriptorio-atelier* (é pintor e musico o amigo Dias, tambem), deitando cá para fóra obras do jaez d'esta sobre que tencionavamos dizer duas cousas.

Redige bem a prosa, mas galvanisa melhor o verso. A rima do Dias não pôde dizer-se variada, selecta, florida; a variedade, a selecção e as flores são hoje tão banaes como os chrisanthemos de setim e velludo que mãos de velludo trabalham e engendram. A rima do Dias sáe sobria, natural e escorregadia da mente do poeta, como um filete de prata liquida escorrega e se desfia do alto d'uma rocha iriando os requebros musgosos d'uma cataracta.

Camillo Castello Branco, em lucta aberta com a desgraça, improvisava em 6 dias um romance maravilhoso que o Chardron lhe pagava miseravelmente e com que o grande poeta da prosa pagava o aluguel da casa ou as contas do padeiro.

Se Portugal não fosse o que é, se a cultura rasoavel do espirito fosse patrimonio de todos os portuguezes, eu aconselharia ao Dias que mandasse para o inferno as resmas regradas da Fazenda Nacional, e se escondesse no obscuro cubiculo do seu escriptoriosito e *fizesse arte*.

Mas, meu caro Dias, sois obrigado a deitar 3 réis ao diabo e 5 réis ás almas na encruzilhada da vossa vida.

Heis-de continuar a ser burocrata e muito felizes seremos nós, os vareiros, se continuardes a ser poeta tambem.

Que o microbio da indolencia não venha atacar os neurones ao Dias!

Prosa toda a gente a escreve hoje; e só um desastrado, com a liberdade de escriptura que paira na nossa lingua, é que não será capaz de escrever *sem erros*.

Quanto á grammatica, lá estão os typographos para reconstruir e modificar as vaidades jornalisticas de muito *zé faz fórmãs* que tem a mania de escrever nos jornaes e fallar difficil nas salas.

Cesario Verde, e devia pôr ponto final n'esta chronicasinha litteraria, Cesario Verde, o impeccavel e intelligentissimo poeta do Sul, dizia:

E a mim não ha questão que mais me contrarie  
Do que escrever em prosa.

Parece que deve dar-se o mesmo com Dias Simões!

E, nesta conversa toda, deixei o *Amor e a Natureza* para a outra semana! A culpa não foi minha. Palavra puxa palavra...

XX.

## Fabrica de telha d'Ovar

Largo do Martyr

de 100 kilos. Escolha feita a rigor. — Proprietarios: Peixoto, Ribeiro & C.<sup>a</sup>

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são: 1.<sup>a</sup>, 21\$000; 2.<sup>a</sup>, 17\$000; 3.<sup>a</sup>, 13\$500 réis. Isto sem desconto algum. — A sua resistencia elevase a mais



## Paginas esquecidas

### Inscrição

para o tumulo d'uma donzella

Num mirante que a hera revestia,  
Passei a minha mocidade á espera  
Desse, que em lêdo sonho me appar'cera,  
E que em continuos sonhos me appar'cia.

Menina e moça, deslisar eu ira  
Moços mais lindos do que a Primavera,  
Porem, ó magoa! nenhum delles era  
O que em continuos sonhos me appar'cia...

A Morte me beijou, sendo eu tão nova!  
— Caminhante, que passas divagando,  
Distrahido, entre as alvas sepulturas,

Desfolha algumas flôr's sobre esta cova:  
E's o noivo talvez que eu 'stive esp'rando,  
Talvez eu seja a noiva que procuras...

«Depois da ceifa».

*Eugenio de Castro.*

## Conto da semana

### CAETANO

(VERSÃO)

Reinava então pelas ruas de Roma uma animação extraordinaria.

O som funebre do bronze dos templos chamava o povo a fazer preces pelo condemnado ao cadafalso.

Um lugubre cortejo caminhava a passo incerto, offerecendo aos olhos espantados dos transeuntes um d'esses espectaculos tristes tão raros na pacifica Roma dos Papas.

Sobre um carro se destacava um mancebo cercado de *gendarmes* pontificios, que attrahia todos os olhares: com as mãos atadas atraz das costas, escutava com attenção as palavras de suprema consolação que um velho religioso assentado a seu lado lhe dirigia.

Seguiam-se depois, com cirios na mão, duas longas alas de membros d'uma d'essas confrarias de penitencia, que a Egreja na sua caridade maternal creou para conforto dos desgraçados, e cuja missão é supplicar a misericordia de Deus para os derradeiros instantes d'aquelles que a justiça humana tem colhido, e dar depois as honras da sepultura christã aos seus restos mortaes.

Nas janellas e balcões via-se grande ajuntamento de curiosos.

O heroe d'esta triste scena chamava-se Caetano, homem dos seus trinta annos. Alistado nas infernaes sociedades secretas que,

naquella epocha, espalhavam a destruição e o luto em Italia e ua propria Roma, havia conspirado contra a vida de seu soberano.

O attentado sacrilego havia-se descoberto, e a hora da justiça não tardou a soar.

Pio VII, o amavel e santo Pontifice, pensára no seu coração de pae em salvar o desgraçado e oppôr-se á inexoravel sentença. Mas ao de pae juntava tambem o titulo de rei; e se um pae perdôa ao filho desnaturado, como soberano assistia-lhe o dever de fazer com que o horrivel conspirador soffresse a pena de seu crime.

Caetano tinha-se reconciliado com Deus, e resignadamente se encaminhava ao logar do supplicio.

O cortejo, ao voltar por certa rua, encontrou-se subitamente com um sacerdote ainda joven, no semblante do qual se notava immensa compaixão. Pareceu reflectir um momento, e em voz baixa exclamou: — Meu Deus, fazei com que eu salve este delinquente!

E retrocedendo, encaminhou-se apressadamente para o Quirinal.

Já de ha muito se conhecia no palacio este joven sacerdote, cuja caridade sem limites fazia verdadeiras maravilhas entre os pobres de Roma. Quem ignorava que todas as tardes reunia os filhos dos operarios transtiberinos para os ensinar a lêr, consumindo toda a sua fortuna em esmo-las aos indigentes?

Ninguem desconhecia a historia do Padre Mastai, que perguntando ainda menino a sua mãe se se devia rezar a Deus para que castigasse os francezes impios que tinham levado preso o Summo Pontifice, a dôce resposta da condessa foi juntar-lhe as mãosinhas e dizer-lhe que crasse com ella, não para o castigo, mas para a converção dos culpados.

Quem ouvisse fallar em Mastai não podia deixar de se compenetrar de suas virtude heroicas; os altos dignatarios da côrte pontificia gostavam de o receber, e toda a permissão de entrar no palacio se lhe franqueava.

Não lhe foi pois difficil chegar até junto do Pontifice.

— Santissimo Padre, exclamou elle prostrando-se aos pés do Papa, piedade e perdão!

— Piedade e perdão, respondeu Pio VII, e para quem, meu caro filho?

— Para um desgraçado, Santissimo Padre, que se deixou illudir por falsos amigos, e que vossa clemencia poupará.

Pio VII estava vivamente commovido.

— Levantae-vos, meu filho, lhe disse elle: ninguem dirá que regeitei vossa primeira supplica; ide, dae ordem para que o prisioneiro seja transferido para o castello de Sant'Angelo.

Lagrimas de contentamento deslisaram pelos olhos de Mastai que, depois de ter recebido a benção do Papa, se precipitou para o logar do supplicio.



\*  
Era numa tarde d'agosto de 1846. Um sacerdote coberto com um amplo manto negro entrava no castello de Sant'Angelo, e pedia para que o deixassem entrar na cellula do prisioneiro Caetano. Este levantou-se bruscamente do leito onde estava sentado, e conservou-se de pé diante do estranho, esperando que lhe explicasse o fim de sua visita.

— Caetano, lhe disse o Padre com voz suave, trago-te noticias de tua mãe.

— Minha mãe! minha mãe! exclamou o prisioneiro, a cujos olhos assomaram duas grossas lagrimas; havia no coração d'este desvairado o amor filial, que ainda não tinha deixado de existir profundo e terno. — Minha mãe! Oh! sim, fallae-me d'ella. Tenho a felicidade de a vêr aqui algumas vezes e conversar com ella. Ha tempos que as suas visitas se tornam cada vez mais raras, porque o caminho é muito comprido e a sua velhice não lh'o permite.

De repente uma ideia lhe veio á mente, e com voz trémula e ao mesmo tempo de terror accrescentou:

— Mas, que digo eu? é porque já morreu, e é essa a noticia que, vós me trazeis, Padre. Oh! meu Deus! Minha pobre mãe morta longe de seu filho, longe d'aquelle que lhe custou tantas lagrimas e dôres!

A voz se lhe sumiu num soluço.

— Socega, meu filho, lhe diz o Padre. — Não, tua mãe ainda não morreu, e é esta a nova que te trago em seu nome. Tem coragem para a receber, e diz lhe que talvez um dia serás tu a alegria de sua velhice sobre a terra.

O prisioneiro contemplava o Padre com assombro.

— Meu caro filho, continuou elle, se a tua falta foi grande, o teu arrependimento attrahiu sobre ti a clemencia do soberano que offendeste. Coragem, meu filho, amanhã serás livre.

Caetano empallideceu horrivelmente, sob a emoção que experimentara de subito. Depois, lançando-se aos pés do Padre, lhe osculou as mãos com respeito e amor.

— Oh! Padre! Padre! sê-le bemdito!

O Padre apertou-o contra o coração: — Meu filho, lhe diz, esqueça-se o passado; uma vida nova deve começar para ti; amanhã estarás ao pé de tua mãe. É's christão, debes portanto ser feliz. Adeus, meu filho, eu te abençôo em nome de Deus e de tua mãe; sê d'hoje em diante fiel a ambos. » E com um sorriso affectuoso deixou a cellula, á qual acabava de trazer a felicidade

No dia seguinte, Caetano, no momento em que as portas do castello de Sant'Angelo se abriam deante d'elle, perguntou o nome do sacerdote que o fôra visitar na vespera, para o juntar no coração com o do Padre Mastai, seu salvador d'outr'ora.

O guarda sorriu-se ao mostrar-lhe um papel em que estavam escriptas estas palavras: *Ordem*

*de pôr em liberdade o prisioneiro Caetano. — (assignado) Pio IX, Papa.*

Houve naquelle dia grande festa em casa da pobre viuva, cujo filho, vinte annos antes, houvera sido arrancado á morte pelo Papa Mastai, e a quem, eleito Papa sob o nome de Pio IX havia algumas semanas, o entregava agora livre e arrependido.

## De semana a semana

### Conversando

Adherir ou não adherir — eis a questão. Para muitos é de extraordinario melindre decidirem-se pela monarchia ou pela republica. Sobre tudo para os empregados publicos e todos aquelles que têm ao alcance dos que governam um direito ou um interesse que possam cercear-lhes.

Neste abençoado paiz estão acontecendo coisas até agora inauditas. Foi preciso que nesta terra fosse implantada a *liberdade* pela... enseada da republica para que todos se sentissem logo opprimidos, cheios de indecisão nas suas acções de homens livres. Foi preciso que neste abençoado rincão florido, á beira-mar plantado, se ouvisse o brado da fraternidade triumphante, para que todos tremessem das sanhas do odio mal contido, das vindictas degradantes de despeitados ou invejosos.

E assim os que vinham luctando, ha largos annos, dia a dia pelo bocado de pão negro de seus filhos, viram ser garantias o suor de seu rosto, o fructo das suas canceiras. O futuro annuiu-se-lhes com a terrivel incerteza do dia seguinte. A tristeza encheu, avassaladora, muitos lares.

A *aurora de todas as liberdades e garantias justas*, annunciava fome e deshonor, porque o pregão da deshonor e do descredito era o brado sinistro da onda revolucionaria.

Desde então levantou-se no espirito de toda a gente a momentosa questão: adherir ou não adherir. Para uma grande parte, adherir era talvez consolidar-se no emprego, garantir o seu ganhão, manter a subsistencia de sua familia. Para alguns, declararem-se republicanos era com certeza uma deshonor, uma transigencia indigna, uma baixeza sem nome, quiçá sem proveito. Para outros então a questão era d'um melindre delicado, quasi insolúvel. E para toda a gente dizer: eu sou monarchico! o mesmo era que vêr-se demittido do seu logar ou pelo menos correr o risco de perder o emprego e interesses que dependessem dos poderes publicos.

E assim a nova ordem de coisas... portuguezas veiu acrescentar ás multiplas questões... nacionaes, mais esta d'alta importancia para a vida d'uma grande parte do paiz, mercê da *perfeita liberdade* que respiramos e disfructamos nos primordios da republica!



Realisou-se na quinta-feira transacta, e não como annunciámos, o consorcio do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. João Evangelista Gomes Ribeiro, engenheiro civil, com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Venina Santos.

O sr. D. Antonio, Bispo do Porto, foi quem deu a benção matrimonial.

### Doentes

Tem passado preso ao leito com um ataque de reumatismo, o importante industrial, sr. José da Silva Ribeiro; crivado de variola tem guardado o leito, o sr. Manoel Pereira de Mendonça; acha-se de cama com febre tifoide o sr. Antonio Maria Rodrigues Borges, irmão do nosso presado amigo e assignante, sr. João Borges.

### Consortio

Realisou-se na segunda feira, na igreja matriz, o casamento do sr. José Lorangeira com a menina Aurora Lamy.

Auguramos aos jovens consortes um futuro muito feliz.

José Lorangeira é um moço intelligente e um bom character, ponderado, apesar dos seus verdes annos, e bondoso. Uniu-se a uma esposa digna de si e por este motivo acompanhá-lo-ha sempre a felicidade no seu lar.

### Chegada

Chegou na semana passada a esta villa, vindo de Manaus, o nosso presado amigo sr. José de Pinho.

Bôas vindas.

### Annos

Fazem annos hoje a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Rita Aralla; no dia 10 o sr. Joaquim Augusto Ferreira da Silva; no dia 13 os srs. João Manoel Ferreira, Manoel Antonio Lopes e Manoel Augusto d'Oliveira Ramos; no dia 15 o sr. Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu, digno thesoureiro da camara municipal e no dia 14, Azer Rodrigues da Silva, filho do sr. Benjamin Nabia.

### O mar e a praia

Não tem havido trabalho no mar devido a ter sido muito *ruim*. O tempo corre de inverno desabrido. Retiram da praia as derradeiras familias.

### Fallecimento

Na quarta-feira da semana passada falleceu na Quinta de S. Thomé, d'esta villa, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Julia Santos, sogra do nosso estimado amigo sr. Manoel Gomes Netto. O cadaver da extincta foi transportado em vagão do caminho de ferro para Leça da Palmeira, d'onde ella era natural. Sentido pezame.

### Ruas

Varreu-lhes a lama de palmo, que as tapetava, a chuva grossa que cahiu no principio da semana. Mas, como não ha regra sem excepção, a do... Elias, ou lá como é, está intransitavel.

### Notas do fim

—O' compadre, não o comprehendo. Você nunca está contente. Quando mandava a camara do Soares Pinto, você gritava que isto não estava bem, que o melhor era entregar o municipio a gente nova. Veiu a tal gente nova e tal sim senhoras... e já você anda outra vez de venta virada, dizendo que isto vai mal, etc. e tal.

—Homem! Desenganos da vida. A gente muitas vezes pensa que vai p'ra melhor e depois chega-se ao conhecimento de que é verdade infallivel o velho dictado.

—Pois claro! eu sempre lh'o disse: compadre, para melhor ninguem vai: Gente nova são *cáras* novas. E olhae que isto de carinhas novas é o diabo.

—Pois é, lá isso é verdade. Mas era isso coisa que eu nunca tinha conhecido. Hoje já sei o que são e não gosto. E estou em crer que ha muita gente da minha opinião.

—Ora dê cá esse abraço. Até que emfim está d'accordo com toda a gente.

—Toda!...

—Toda, sim senhor, toda.

## De Polo a Polo

### Tolstoi

A final sempre restituiu á terra o pó que o vestia o espirito d'este notabilissimo escriptor slavo. A imprensa anticipára-se a noticiar o trespasso de Tolstoi. Ergueu-lhe lamentosos epicedios, quando Tolstoi era ainda do numero dos vivos. O caso explica-se: Tolstoi sentiu a morte avisinhar-se e quiz preparar-se para a grande viagem d'onde se não volta. Desappareceu de casa e refugiou-se no ermo, sem ninguem saber.

Ao darem em casa pela sua falta, todos o julgaram morto. O telegrapho apressou-se a noticial-o ao orbe. E na imprensa periodica co-roou-o de palmas a historia.

Mas d'ahi a pouco o mesmo telegrapho se desmentia, dando Tolstoi como vivo, encontrado distante da familia e do mundo a quem fugira afim de se preparar para morrer.

Ha dias, porém, o velho philosopho fallecia effectivamente no meio dos seus, em edade muito avançada.



JULIO DINIZ

## As pupillas do Senhor Reitor

CHRONICA D'ALDEIA

(Continuação do n.º 3)

E, dizendo isto, desviava a cara e abaixava-se para apanhar o novello que deixára cair, enquanto a vizinha fazia um gesto e resmoneava um áparte inintelligivel, que ambos pareciam contrariar a ultima asserção da velha e pôr em dúvida a sua apregoada isenção de outros tempos.

— Nem commigo ti Thomazia — disse, em tom já elevado, esta do áparte — nem commigo, que elle bem sabia com quem se mettia.

D'esta vez, gesto e áparte pertenceram á outra interlocutora, e tinham a mesma significação.

E' certo porém que o Daniel ia andando com o seu latim, e, dentro em pouco tempo, já papagueava os substantivos e os adjectivos com incrível e surprehendente velocidade.

José das Dornas divertia-se excessivamente a ouvi-lo. As declinações ditas pelo filho em voz alta «lá lhe caíam no gôto», como elle dizia; e já procurava imital-o nas suas horas de bom humor, que, segundo já affirmamos, eram numerosas.

— Dize lá, rapaz, dize lá. Então como é? como é? *altrotoro, altrotoro. O' tranca ó tranca, ó trinque, ai diabos, diabos, diabos.* Ah! ah! ah! Ora dize lá, rapaz, dize lá.

E Daniel principiava a repetir as lições, acompanhado das gargalhadas de José das Dornas, que, sem o saber, ia demonstrando com o exemplo um grande preceito de instrucção, tantas vezes recommendado: — o de vencer, pelo estímulo do agradável, o fastio que acompanha o estudo. De facto, a facilidade com que Daniel retinha já as enfadonhas lições da arte do padre Pereira era em parte devida á maneira por que lh'as amenizavam estes gracejos do pae; quanto mais arvezados eram os nomes, com mais vontade os decorava Daniel, para espertar com elles a estranheza e hilaridade paternas.

Que estrondosas gargalhadas se não deram na noite em que Daniel repetia em voz alta a declinação do relativo *Qui* e seus compostos!

— Ora essa! — dizia José das Dornas — que vem cá a ser isso? *Qui, qui, qui, qui...* Ai que o snr. reitor quer ensinar-me ao filho a lingua dos cevados!

E toda a familia desatava a rir, e Daniel mais que todos.

E assim proseguia o menino Daniel nos seus

estudos com grande aprazimento do reitor, que muita vez dizia ao pae, em tom confidencial:

— Sabes que mais, José? O rapaz é esperto, e era até um peccado desvial-o do estudo, para que tem tanta quédia. Olha que me estudou as linguagens em oito dias!

José das Dornas não podia avaliar ao certo o genero e gráu de difficuldade que vencera o filho; mas entendeu, lá de si para si, que fôra alguma cousa de heroico, e nesse dia não pôde deixar de olhar para o rapaz, como se elle tivesse no rôsto o quer que fosse estranho — a auréola dos predestinados para grandes cousas.

— E então, snr. reitor — perguntou elle um dia ao mestre — o pequeno vae bem?

— Optimamente. O Sulpicio para elle é já como uma agua de unto. Qualquer dia passo-o para o Eutropio, e dentro em pouco para o Cornelio.

Estas successivas passagens do Sulpicio para o Eutropio e do Eutropio para o Cornelio, impressionaram profundamente José das Dornas.

Lá lhe pareceu aquillo uma façanha gymnastica admiravel.

— Faremos d'elle um padre, snr. reitor?

— Que dúvida! E um padre ás direitas.

Ora aqui é que o bôm do parochó se enganava, como, pouco tempo depois, elle proprio reconheceu.

Foi o caso que, ahi por volta de um anno depois que Daniel principiara os estudos — tinha elle então doze para treze annos — começou o reitor a observar que o rapaz lhe vinha um pouco mais tarde para a lição. Ao principio, eram cinco, dez minutos, um quarto de hora de differença. Depois cresceu a demora a vinte, vinte e cinco minutos, meia hora, e o padre pôz-se a parafusar.

— Já me não vae parecendo bem a historia. Dar-se-ha caso que o rapaz me ande por ahi a garotar? Se eu o sei! E então que ia tão bem! Deixa-o vir, que eu sempre hei de querer saber o que isto é. Nada, não vamos assim á minha vontade. Deixa-o vir.

Se bem o pensou, melhor o fez. Chegou o pequeno todo offegante e suado, como quem viera ás carreiras, e o reitor, fitando-o com olhar severo e penetrante, disse-lhe, antes de lhe dar as benções que elle de chapéu na mão lhe pedia:

— Olha cá, Daniel; d'onde vens tu a estas horas?

O rapaz fez se vermelho como um lacre, e não atinou com a resposta. Ficou-se a coçar na cabeça, a encolher-se, a engulir em sêcco, a rosnar não sei o quê, e... mais nada.

(Continúa).

**José Estevão Lopes do Rego**

Negociante de peixe e cereaes

MIRANDELLA

Tem grande quantidade de castanha grãda e sã, que vende a 375 reis cada 15 kilos.

Tambem se encarrega de vender sardinha á commissão, caso lh'a mandem da costa d'Ovar, d'onde ainda não tem commissario. Quem precisar dirija carta a

José Rego — MIRANDELLA.



# HISTOGENO LLOPIS

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS. Para a cura da DIABETES preparamos o histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes. Formas do HISTOGENO LLOPIS. Histogeno liquido.—Histogeno granulado. Preço do HISTOGENO LLOPIS. Frasco grande, 1\$100 reis —Frasco pequeno, offerta gratis aos pobres do Dispensario anti-tuberculosos, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, *C. Mahona & Amaral, Limitada*, rua d'El-rei, 73-2.º — No Porto: *Antonio Cerveira da Motta & C.ª*, rua de Mousinho da Silveira, 115.

## Grande Hotel Casino de Espinho

Porto, Santa Catharina, 16. — Hotel de primeira ordem. Situado no melhor local. Aberto desde 1 de junho. Todo o conforto moderno. — Correspondencia a **RIBEIRO & IRMÃO**. Telephone, 5. Endereço telegraphico, **GRANDOTEL — Espinho**.

O unico hotel que nas praias de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano. Para todar as indicações: No Gerez, Hotel Ribeiro. No Porto: Hotel Bragança, Entre-Paredes e Bazar do

## ARMAZENS DA CAPELLA

A primeira casa das Carmelias n.º 70 **Porto**

Grande sortimento de casimiras para factos. Tecido de lã, algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins, etc. Vendas a preços baratissimos.

**Alberto Milheiro** Cirurgião dentista Protheses e operações dentarias. *Passeio Alegre, 10-1º* Em frente ao coreto da Graciosa) — ESPINHO.

## AGUA do BARREIRO

Na SERRA do CARAMULO—BEIRA-ALTA Contra a Anemia e outras doenças provenientes da mesma. Contra as doenças do Estomago e Intestinos. Contra as Perturbações Menstruaes. A mais barata de todas as Aguas Medicinaes. — Uma garrafa para 4 dias.

Deposito em Ovar: **Viuva Cerveira**

## AZULEJOS

Fabrica de Louça das Devezas de **José Ferreira Valente & Filhos** R. D. Leonor, 114 a 134 — Villa N. de Gaya

**DEVEZAS** Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro. Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois. Preços os mais convidativos.—Endereço telegraphico: *Azulejos*—Telephone, 279.

## MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrações. — Vendas por junto e a retalho. Rua de S. João, 44 e 45 — PORTO Telephone, 616

## Espingardas de caça e todos os aprestos

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possivel encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de *cartuchos de caça* e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca: Prana «Sparkiets», Vibrador «Varno», Sorvetiras, etc. — **CASA LINO** — 40, Praça de D. Pedro, 41—PORTO.

## PAPEIS para forrar caa

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de **Antonio Cardoso da Rocha** 178, R. de S. Antonio, 180 PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc.

## José Bernardo Carlos das Neves

Fundada em 1776

224, R. das Flores, 226 Esquina do Souto **PORTO**

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia.

MASSAS alimenticias.

CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 reis o kilo.

IMPORTAÇÃO DIRECTA PUREZA DAS QUALIDADES

## Uma visita á Photographia Carvalho

Rua de Passeio Alegre, 27 a 29 — ESPINHO

Todos os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medalhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartonagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados. Preços sem competencia.

## Grandes Armazens da ESTAMPARIA do Bolhão

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento teem e os que mais barato vendem.—Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc. Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos

**GRANDES ARMAZENS**

que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento.

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348.

**PORTO**

## Moreira, Guimarães & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A—PORTO

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna. Especialidade em tecidos para campo e praia.

**ATELIER de MODISTA**

ENVIAM-SE AMOSTRAS NA VOLTA DO CORREIO